

ou na exploração das relações do corpo com o cotidiano do trabalho e do lazer, no ponto de vista de vários entrevistados. Em síntese, nos encontramos face a uma coletânea de textos especializados sobre a corporeidade: só não constitui um livro referencial pela provável preocupação, legítima, de preservar os núcleos de interesse dos diferentes autores em relação à temática geral; vale dizer, não pode se esperar que a todo resulte apenas da soma das partes. E a resenha aí se insere.

Por fim, importa expressar que os estudiosos da área certamente já se colocam na expectativa de continuidade desta iniciativa editorial. De igual sorte, aguarda-se que seus próximos números venham à circulação purificados por revisão formal mais depurada que evite algumas impropriedades de concordância constatadas neste volume, ou mesmo de grafia (como "raclocínio ou utilizar" presentes, por exemplo, no texto Lazer e Sociedade de José Carlos Brandão).

## RUMO À UTOPIA MATRICÊNTRICA

*Joelina Souza Menezes*  
(*Professora do Departamento de*  
*Ciências Sociais da UFS*)  
*Francisco José Alve dos Santos*  
(*Professor do Departamento de*  
*Filosofia e História da UFS*)

Fundir Marx e Freud não é uma pretensão de hoje. Desde os primórdios da psicanálise que alguns teóricos têm tentado aproximar estes dois pilares da modernidade. Tal tarefa teria como fim juntar a economia política à economia libidinal. Este projeto tem representantes famosos como: Wilhelm Reich, Erich Fromm, Herbert Marcuse e, mais proximamente, Gilles Deleuze e Félix Guattari. A síntese Marx/Freud não é, de modo algum, tarefa tranquila. Os dois pensadores partem de postulados divergentes, o que vai ocasionar, muitas vezes, um curto-circuito na economia explicativa daqueles que postulam uma síntese Freud-Marxista. O fato é que, quase sempre, tal fusão não tem passado de um consórcio canhestro. O problema fundamental é que os dois sistemas tendem a excluir-se mutuamente: o marxismo, partindo do homem enquanto animal essencialmente social, e o Freudismo, derivando o social das estruturas psíquicas individuais. Tomando como ponto de partida o homem ser social e o outro, o indivíduo como princípio, os dois sistemas tendem à exclusão recíproca ou à "heterofagia". Noutras palavras, o desafio é explicar a difícil dialética indivíduo/sociedade sem subsumir um no outro.

Nessa perspectiva teórica, insere-se o último livro da escritora e feminista ROSE MARIE MURARO. Como ela mesma confessa, "não se trata aqui de conciliar Freud e Marx num freudomarxismo ingênuo mas, sim, de ver se algo novo pode aparecer em nossa realidade de países do Terceiro Mundo, isto é, qual o questionamento que nós oprimidos podemos dar às teorias dominantes" (p. 83). Como se vê, a pretensão da autora é realizar uma síntese freudomarxista tupiniquim. Resta julgar até que ponto conseguiu realizar este seu objetivo.

O cerne da obra é uma apreciação das transformações por que passam os papéis masculinos e femininos no Brasil contemporâneo. Seu material empírico tem por base dados colhidos em pesquisa com a burguesia.

O livro está ordenado em cinco partes. de início a autora rastreia a sua vida pessoal enquanto militante da esquerda católica, como editora da Vozes e, finalmente, como pioneira do movimento feminista no Brasil. É no bojo desse movimento que ela realiza uma pesquisa abrangente sobre a sexualidade da mulher brasileira que subsidiará, em parte, a reflexão desse livro.

\* MURARO, Rose Marie. Os Seis Meses em Que Fui Homem. 3ª ed., Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991, 272 p.

A primeira parte — “sexualidade” — pontua as diferenças entre homem e mulher, a partir de estruturas psíquicas diferenciadas. A segunda, “Sexualidade e Poder”, relaciona o campo da sexualidade à economia, mostrando como a segunda é determinada pela primeira. Prosseguindo a sua análise, Muraro, faz uma digressão de caráter biográfico, descrevendo o seu ingresso no “mundo do homem”. Vislumbra a partir desse “mundo” as dimensões sagrada, política e econômica do poder (Terceira parte — “O Poder”). Após fazer uma síntese da teoria freudiana do desenvolvimento psicosssexual do homem (quarta parte — “O desejo”), a escritora encaminha-se para reflexão final da sua obra, buscando a saída para os impasses das relações entre os sexos. A quinta parte, intitulada “A Saída Onde Está a Saída?”, versa sobre o desejo feminino, o “continente negro”, segundo Freud. Contestando a teoria do “pai primevo” proposta por Freud, ela advoga o mito da “mae primeva” como substitutivo do patriarcalismo freudiano. Valendo-se de estudos antropológicos recentes, Muraro defende a superioridade das culturas “matricêntricas” sobre as patriarcais. Enfim, a sua proposta política centra-se na crítica da sociedade patriarcal e na instauração de uma sociedade “matricêntrica”.

Em que pese o desejo da autora de fundar um freudomarxismo caboclo, a sua abordagem apresenta alguns pontos que merecem reflexão.

O título do livro *Os Seis Meses em Que Fui Homem* promete ao leitor masculino ávido de experiências, o relato de uma mulher que conseguiu reverter a ordem vigente, adentrando-se no mundo masculino, e à leitora “liberada”, o relato de algo que secretamente almeja: a reversão no campo dos papéis sexuais. Ledo engano. Ao final, o leitor(a) vê-se logrado(a). O título foi apenas um chamariz mercadológico. O que o título promete não é dado. Na verdade, a trajetória biográfica da escritora tem no livro apenas uma importância tangencial. Assim, ela revela: “Até agora recusei-me a dizer uma palavra que fosse sobre minha vida pessoal porque não era importante para este trabalho” (p. 223 — grifo nosso).

Outro aspecto que deve surpreender o leitor atento é a inexistência de organicidade do livro. Fosse ele uma coletânea de artigos de procedência diversa, o fato seria perdoado. Na obra em questão, esperava-se que os capítulos apresentassem seqüenciamento lógico e organicidade. Não é o que acontece. Nela há capítulos absolutamente “sobrando”. Pula-se das classes sociais no Brasil contemporâneo para relatos sobre as sociedades primitivas, passando-se por capítulos de apressada síntese da teoria freudiana. O leitor fica completamente atordoado e até mesmo a autora confessa: “Meu Deus que viagem!” (p. 223). E classifica

a sua empreitada de “vertiginoso panorama” (p. 184).

É de se estranhar a desenvoltura com que Muraro ressuscita o velho reducionismo (no caso, o psicanalísante). Num momento em que o pensamento científico de ponta revela que a complexidade do real não é redutível a nenhum elemento, isto soa muito estranho. Neste sentido, é muita ingenuidade pensar que os complexos problemas do mundo serão resolvidos, de um golpe, pela erradicação do machismo patriarcal. É preciso muita limitação analítica para acreditar que o machismo se constitui em *fons et origo* de todos os males do mundo. Na verdade, da economia à tecnologia, passando pela política, tudo deriva das estruturas psíquicas. Esta miopia decorre do viés militante feminista que orienta a abordagem de Muraro.

Outro calcanhar de Aquiles da análise recai na visão histórica adotada: um evolucionismo às avessas. As sociedades matricêntricas são o “passado bom” ao qual devemos voltar. A mudança social é vislumbrada enquanto retorno e não devir. A história deve caminhar para trás e não para a frente, para o futuro.

Como caracterizar esta posição de “progressista”? O que se tem, na verdade, é uma visão regressiva. O bom está na origem. O devir é sempre degradação, perda. Melhorar é sempre voltar aos “tempos primordiais”. É de se estranhar tal concepção numa análise que se propõe marxista.

A síntese “freudomarxista” tentada na análise leva a pesquisadora a algumas aporias. Isto ocorre quando a noção de natureza humana é posta em cena através da postulação de sentimentos “universais” e de “invariantes da espécie humana” (pp. 129 e 122). A introdução desta categoria traz um problema de grande magnitude: o da possibilidade de mudança. Se a natureza humana for dada, toda militância feminista será vã, inclusive os esforços da escritora, suas pesquisas, seu livro.

Assim, a autora concebe as diferenças entre homem e mulher: pela própria estrutura da psique feminina e da masculina, o homem tende para independência, a separação e a autonomia (...) já as mulheres são definidas como filhas, esposas, irmãs ou mães. Elas se especializam na complexidade e no labirinto das relações e confundem os limites entre o eu e o outro (p. 59).

A militância que anima a obra é também um outro problema. O rigor científico é sacrificado no altar da militância feminista em prol de uma sociedade matricêntrica. O casamento ciência/militância termina por ser uma má junção para ambos. Entre o panfleto militante e a análise científica, há uma considerável diferença que a autora esquece. Não se trata aqui de advogar o mito da neutralidade científica. No entanto, não é a “facilidade”

de um discurso de palanque o que se espera numa abordagem científica qualquer, demonstrando assim que não é necessário apenas uma "boa causa" para se fazer uma boa obra científica.

O livro naufraga nas vagas do reducionismo psicanalísante, da militância míope e no anacronismo.

É necessário mais algum rigor analítico para a autora nos convencer da sua utopia matricêntrica.

## PRODUZINDO NATUREZAS

*Francisco José Alves dos Santos\**  
*Maria Augusta Mundin Vargas\*\**

CARVALHO, Marcos de. *O que é natureza*. São Paulo: Brasiliense, 1991, 85 p. (1.ª ed. Primeiros Passos, 243).

O livro em apreço é uma história das representações humanas sobre a natureza, desde antigos gregos até a atualidade. Destaca as modificações por que têm passado estas concepções e a ligação destas com as sociedades que as produziram. Divide-se em cinco pequenos capítulos. O primeiro, "Natural, sobrenatural, artificial" introduz a questão, problematizando a dicotomia (tranquila) do senso comum, natural/artificial, seres vivos/seres inanimados. Conclui o capítulo a enunciação do objetivo da pequena obra: "o exame das variações (...) nas formas de querer e de ver" a natureza (p. 16).

Iniciando sua viagem histórica, o autor, em "Natureza e sociedade: uma única história", rastreia as concepções sobre natureza, desde as sociedades primitivas até a moderna teoria da evolução das espécies. É o capítulo central da obra, o mais extenso. Mostra como cada sociedade produz concepções de natureza consoante com as suas necessidades, o seu perfil cultural e social.

Partindo das sociedades primitivas onde não há lugar para a distinção entre o mundo natural e o mundo social, mostra como na Grécia antiga postula-se, pela primeira vez na tradição ocidental,

a idéia de natureza enquanto alteridade: o social e o natural como realidades distintas, separadas. Análise com na Antigüidade fixa-se a idéia de natureza como "tudo aquilo que não for produto do homem" (p. 35). Com figuras como Aristóteles (384-322 aC) e como Cláudio Ptolomeu constitui-se a idéia de natureza "orgânica, imutável, movida eternamente a partir de causas e fins predeterminados" (p. 37). O fim da Antigüidade e a emergência da Idade Média, segundo o autor, não significou uma ruptura com a concepção antiga de natureza. O fim do feudalismo, entretanto, irá provocar o surgimento de uma nova imagem da natureza. A dessacralização do mundo e o surgimento do conhecimento científico irão fixar a noção de natureza enquanto máquina em substituição à visão da natureza-mãe. Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642), Kepler (1571-1630), Bacon (1561-1626), Descartes (1596-1650) e Newton (1642-1727) inauguram a visão de natureza com máquina em resposta ao novo mundo mental e material surgido com a crise do feudalismo e a emergência do capitalismo. Encerra o capítulo a análise do surgimento de uma nova cosmovisão: a "natureza evolutiva". De máquina que se repete ao infinito a natureza passada a ser pensada como algo que evolui, que se transforma constantemente. Segundo o autor, esta nova abordagem coaduna-se perfeitamente às idéias liberais vigentes na época pois os modelos de natureza são sempre frutos

\*FRANCISCO JOSÉ ALVES DOS SANTOS é Mestre em Antropologia (UNB) e Professor do DFH da UFS.

\*\*MARIA AUGUSTA MUNDIN VARGAS é Mestra em Geografia (UFS) e Professora do DGE da UFS.